

REFLEXÕES SOBRE A AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO LITERÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA

José Ignacio Ribeiro Marinho¹ – Mestrando em Letras/Universidade Federal de Juiz de/E-mail: josebrenatti@hotmail.com.

Diones Bernardes dos Santos Motta² – Doutorando em Educação/Universidade Federal Fluminense/E-mail: dionesmotta@hotmail.com.

Giselda Maria Dutra Bandoli³ – Mestra em Cognição e Linguagem/Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro/E-mail: giseldabandoli@gmail.com.

Helga Carvalho Baptista de Almeida⁴ – Mestranda em Letras/Universidade Federal de Juiz de Fora/E-mail: helgabapalmeida@gmail.com.

Joseani Adalemar Netto⁵ – Mestra em Letras/Universidade Federal de Juiz de Fora/E-mail: josesd27@yahoo.com.br.

Resumo: Considerando-se que a tendência, de modo geral, nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, é abordar o texto literário com finalidade didático-pedagógica, impedindo, de certa feita, a ampliação do repertório literário dos alunos, apresentamos uma discussão, crítico-reflexiva, acerca da práxis pedagógica. Para tanto, com ancoragem em um rol de teóricos da área – Bloom (2010), Candido (2004), Colomer (2007), Cosson (2012), Iser (1996), dentre outros –, discorreremos sobre questões como cânone, letramento e repertório literários.

Palavras-chave: Práxis pedagógica, cânone, letramento literário, ampliação do repertório literário, Língua Portuguesa/Literatura.

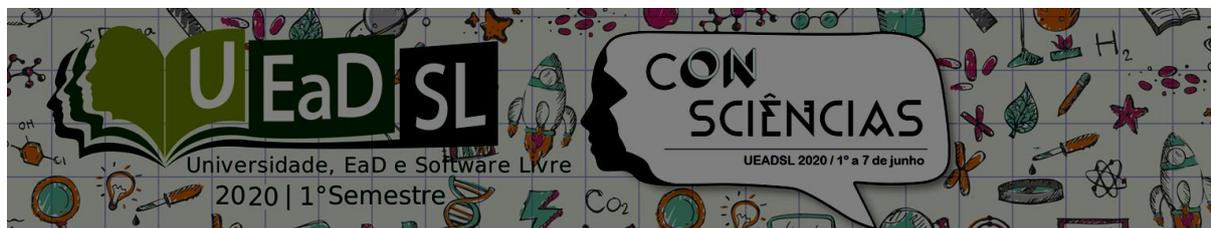
1. Introdução

A priori, circunscritos enquanto profissionais da área de Letras e de Pedagogia, averiguamos crítico-reflexivamente que o texto de natureza literária é empregado no ambiente escolar com uma finalidade estritamente didático-pedagógica.

Assinala-se, dessa feita, uma certa apatia, assim como um determinado distanciamento por parte do leitor em relação à obra literária e ao que tange o próprio ato da leitura. Entendemos, na posição de profissionais da área educacional, que formar leitores é compreender que há, sobremaneira, uma relação entre leitor e texto.

A princípio, ao trazermos à baila o termo texto literário, estaríamos, a critério de exemplo, remetendo-nos à noção de cânone. Ademais, destaca-se que, em linhas gerais, a seleção de textos de ordem literária costuma ser feita consoante um rol de questões: as experiências do professor, a legitimidade do texto como literário, o acervo disponível na biblioteca escolar e os programas educacionais.

Assim sendo, trazemos à luz algumas reflexões de ampliação de repertório literário dentro do espaço escolar, sem a pretensão de esgotamento da



abordagem temática. A metodologia utilizada está ancorada em teóricos como Bloom (2010), Candido (2004), Colomer (2007), Cosson (2012), Iser (1996), dentre outros.

2. Repensando a práxis pedagógica: reflexões sobre a ampliação do repertório literário nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura.

A princípio, na primeira infância é comum que os textos literários se apresentem ao lado de figuras imagéticas. Contudo, com o decorrer do tempo, estas tendem a desaparecer, deixando por conta do leitor a criação de imagens e de significados sobre aquilo que lê.

Conforme Colomer (2007, p. 144), “[...] durante a infância, os contos e as canções ainda oferecem um certo espaço para sentir a literatura como algo que une os demais, os pais, à audiência para quem se conta uma história, etc.”. Consoante a autora, tal relação é importante, devendo ser mantida a fim de que a leitura, em especial a literária, não fique à deriva, esgotando suas possibilidades de compreensão e interpretação.

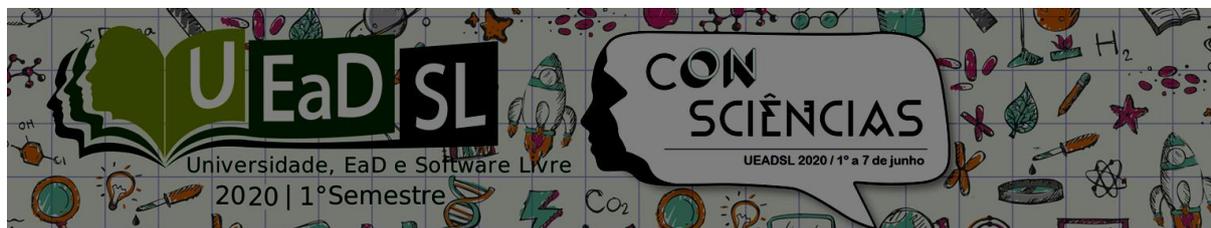
Destaca-se ainda que as crianças costumam ter um contato mais assíduo com o gênero textual fábula. A fim de atrair seu interesse e ampliar seu repertório literário, tendo como base a cena escolar do aluno, é elementar que tais histórias possuam, por exemplo, animais que se humanizam, objetos mágicos, seres imaginários, fazendo com que ficção e realidade se amalgamem e tragam à tona a sensação de deleite ao leitor.

Aos poucos, outros gêneros da esfera literária, como cordel, crônica, novela, poema, romance, dentre outros, poderão ser apresentados – especialmente na pré-adolescência e na adolescência. Para tanto, é imprescindível que se tenha em mente que diversificados fatores podem influenciar a seleção das obras literárias para o ensino e o estímulo à leitura.

De acordo com Cosson (2012, p. 32), há quatro fatores. O primeiro “diz respeito aos ditames dos programas que determinam a seleção dos textos de acordo com os fins educacionais”, o segundo corresponde “à questão da legibilidade dos textos”, o terceiro tem relação com “as condições oferecidas para a leitura literária na escola”, por fim, o quarto, apontado como o mais importante, refere-se “ao cabedal de leituras do professor”.

Tendo em vista todos os elementos supracitados, ressalta-se que apenas a relação leitor/texto não é capaz de dar conta da ampliação do repertório literário. A título de demonstração, faz-se pertinente que o texto literário esteja a par da faixa etária e da realidade dos discentes. Ademais, a biblioteca escolar deve conter um acervo interessante e variado, os professores devem ter uma bagagem literária ampla e diversificada – isso já elucidado por Rildo Cosson como o fator mais importante.

Os livros a serem compartilhados devem ser aqueles que ofereçam alguma dificuldade ao leitor para que valha a pena investir neles o escasso tempo escolar. Se não há um significado que requeira um esforço de construção, não se pode negociar o sentido; se a estrutura é sempre convencional, não se aprende a estar atento para antecipar ou notar as elipses; ou se não há



ambiguidades interessantes, não porque buscar indícios, rere ler passagens e discutir as possíveis interpretações (COLOMER, 2007, p. 149).

Às vezes, ao selecionar uma obra canônica, ainda que esta seja importante, desconsidera-se a realidade sociocultural do aluno. Atualmente compete, sobretudo aos profissionais da Educação e das Letras, fazerem escolhas quanto aos textos, a fim de ampliar o repertório literário dos alunos, orientando-os no decorrer da leitura; discutindo com eles as dimensões linguístico-literárias e sociais das obras e/ou dos textos; os significados e as sutilezas de expressões e/ou palavras encontradas; a verbo-visualidade; para que, assim, sintam-se confortáveis e seguros quanto à escolha de obras e/ou de textos literários que servirão como objetos de leitura e ampliação de repertório em sala de aula.

Destarte, a justificativa quanto ao cânone literário parte da perspectiva de que tais obras transcendem espaço e tempo, sendo sua leitura fundamental para formar o indivíduo letrado. Ademais, o processo de seleção de obras ou textos literários deve ser democrático, considerando a diversidade sociocultural e os valores aos quais e a quem serão destinados.

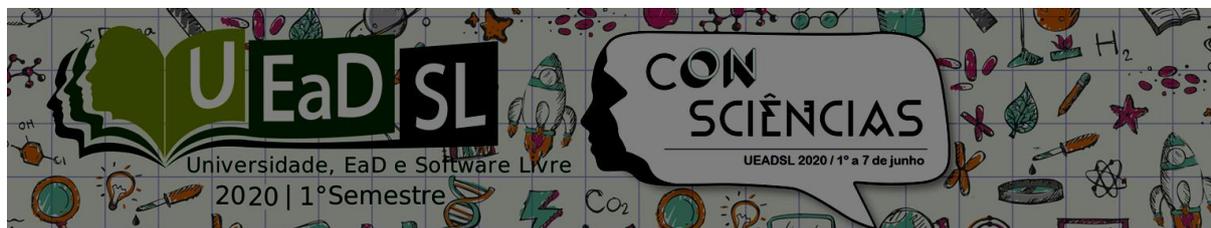
Partindo desse pressuposto, pode-se considerar que, mesmo dentro da coletânea de obras ou de um autor considerados clássicos, há que se pensar quais de suas obras e autores mais se prestam à leitura literária que se quer na escola, já que muitas delas não podem exemplificar tão bem a magnitude daquele escritor ou ainda fazer com que o aluno/leitor não tenha a real ideia das características principais que consagraram aquele autor e sua obra.

O que faria, portanto, autor e obra canônicos? Em conformidade com Bloom (2010, p. 13), “A resposta, na maioria das vezes, provou ser a estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha.

Salienta-se que, grosso modo, toda obra ou texto literário apresenta uma linguagem em particular que já desperta por excelência, no público leitor, um interesse pela obra. De forma singular seu papel é o de despertar uma expectativa no leitor e de se fazer relevante para a leitura – caso contrário, provavelmente deixarão de ser lidos. A obra canônica entra na memória do público leitor que, por seu turno, dissemina sua interpretação pela sociedade – logo, a importância dos cânones na literatura e na formação de leitores.

Tendo em vista o contexto escolar, os livros didáticos de Língua Portuguesa mormente não permitem que se investiguem possibilidades como comparações, contrastes, debates e discussões, por exemplo, em que a leitura do aluno também seja considerada.

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos



e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (PAULINO, 2004, p. 56).

O letramento e o repertório literários devem ser constantes e crescentes dentro e fora dos espaços escolares. Por conseguinte, quanto à alcunha letramento literário, corresponde a “um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos” (PAULINO, COSSON, 2009, p. 68). Em contrapartida, tal nomenclatura vai além dessa elucidação, à medida que se trata de algo importante para a formação do indivíduo como leitor/cidadão participativo na sociedade.

A escola tem papel fundamental nessa construção, estimulando a percepção da leitura como algo prazeroso e o professor deve apresentar e estimular maneiras de a criança, o pré-adolescente e o adolescente, quanto ao desenvolvimento do gosto pela leitura. Atividades em que o aluno interaja com a leitura e outras em que ele crie um “jogo” que permita a construção de significados a ela. Ignorar essa interação entre os significados tende a afastar o aluno da leitura e do gosto por ela. Ao lado disso, o professor deve destacar que, dentro e fora do território escolar, essa leitura deve ser compartilhada, estabelecendo uma relação entre o significado individual e a construção de um significado coletivo.

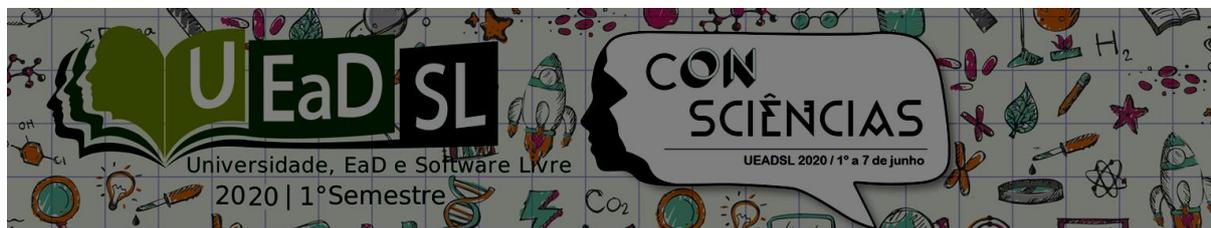
Dentro da literatura, o discurso ficcional é o que reage a situações, assim como as provoca – toda circunstância e situação formam um contexto definido.

Em consonância com Iser (1996, p. 116) “a teoria dos atos da fala mostra como é sobretudo o contexto de uma situação que elucida o significado visado pela enunciação e estabiliza o que é visado”. Em outras palavras, dentro do ambiente literário, o texto tem uma intenção, mas ganha novos significados de acordo com o leitor.

Na ótica de Candido (2004, p. 177), “toda obra literária é, antes de mais nada, uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”. Assim sendo, a forma como o texto literário é construído nos dá significados capazes de organizar nosso pensamento e criar novos sentidos para o que estamos lendo.

No dizer de Iser (1996, p. 125) “a relação entre texto e leitor se estabiliza através do *feedback* constante no processo da leitura pelo qual se ajustam as imprevisibilidades do texto”. Neste sentido, leitor e texto estabelecem uma relação de troca dinâmica de significados e de sutilezas. O texto por natureza apresenta um significado que pode ser alterado a partir das compreensões, culturas e experiências do leitor.

Iser (1996, p. 146) também afirma que “1. O texto ficcional permite a seus leitores que transcendam a sua posição no mundo. 2. O texto ficcional não é nenhum reflexo de uma realidade dada, mas sim seu complemento em um sentido específico”. Dessa feita, o texto ficcional é elementar para que o indivíduo seja humanizado, criando significados para o texto e para o mundo. O autor



organiza no texto enunciações e/ou situações, a fim de promover, singularmente, uma construção/disseminação de significados.

Segundo Candido (2004, p. 179), “as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo”. Tendo isso em vista, a literatura estimula o leitor à busca por significados e sutilezas, pelo reconhecimento do mundo – logo, a importância da escolha do repertório literário para a sala de aula.

Na posição de profissionais da área de Letras e de Pedagogia, ainda encontramos o uso inadequado de obras ou de textos literários nos livros didáticos de Língua Portuguesa, com fragmentos utilizados com o intuito, na maioria das vezes, de introduzir determinado conteúdo programático, deixando de lado a real função da literatura.

Deparamo-nos, ainda, com uma recorrente repetição de autores e de textos. A criança ou jovem geralmente não tem contato com um repertório variado de produções literárias, o que corrobora e resulta, por sua vez, em um ensino inadequado e ineficaz, criando o conceito de que a literatura é composta por poucos autores e por um número reduzido de obras e de textos literários.

Ainda que o professor utilize fragmentos literários, tais devem ser percebidos pelo aluno como um todo coeso e coerente – em síntese, é preciso que haja integração dos elementos.

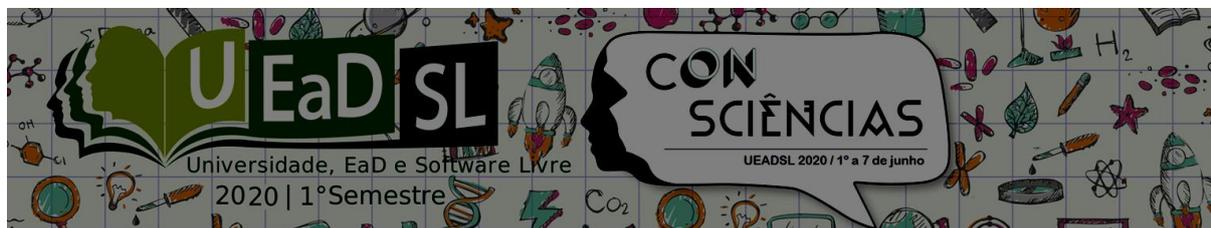
Soares (2007, p. 43) acrescenta que o texto literário na escola deve dar prazer, divertir, emocionar, mas não se esquecendo de que ele também pode ser estudado: “os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à formação de um bom leitor de literatura”.

Ademais, os exercícios propostos nos livros didáticos de Língua Portuguesa, para análises textuais, geralmente, são muito superficiais. A maioria deles pede ao aluno apenas para informar o nome do autor, mencionar o título do texto, reproduzir trechos, dentre outras questões que representam “mera localização de informações no texto” (SOARES, 2007, p. 46).

Sobreleva-se, mais uma vez, que as obras e textos literários ainda servem apenas como meios ou modelos para introduzir algum conteúdo ou ilustrar alguma situação, perdendo sua função e propriedades linguístico-literárias.

Por fim, sublinha-se, mediante a tudo o que foi exposto até o presente momento, na qualidade de profissionais da área de Letras e de Pedagogia, a importância de repensarmos as nossas práxis pedagógicas quanto ao manejo de textos literários, nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, a fim de ampliar o repertório dos alunos.

Considerando a necessidade de modificarmos a utilização do texto literário na/e fora da área escolar, de estimularmos o aluno a virar um leitor, de



estimularmos o prazer da e pela leitura literária, pelo divertimento e pelo encantamento que o texto literário dá ao indivíduo, esperamos que tal texto sirva de fonte para futuras pesquisas, assim como possa servir de reflexão teórica para a confecção e a implementação de propostas de intervenção pedagógica.

3. Considerações finais

Apontou-se, em suma, uma observação crítico-reflexiva acerca da práxis pedagógica, no que concerne à ampliação do repertório literário nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, tomando por base o manejo das obras e/ou dos textos literários.

Acreditamos que a partir de novos planejamentos didático-pedagógicos (aliando teoria à prática) sobre o ensino de Língua Portuguesa/Literatura, podemos garantir novas alternativas de ensino, desenvolvendo nos alunos o prazer de ler uma obra e/ou um texto literário sem fins pedagógicos e/ou utilitários.

O contato com a obra e/ou texto literário (sejam canônicos ou não), assim como sua leitura, tendem a levar à ampliação do repertório literário do aluno, auxiliando na significação textual, bem como no mundo social.

Salientamos ainda que o trabalho com a literatura na escola é imprescindível para que se possibilite o letramento e a ampliação do repertório literário de nossos alunos. Através de uma reflexão sobre a importância da leitura literária compreendemos que a formação de leitores constrói significados para além do texto e a leitura significativa se torna possível, evidentemente, a partir de uma prática que valorize diversos gêneros literários.

4. Referências

- BLOOM, Harold. "Uma Elegia para o Cânone". In: **O Cânone Ocidental**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 27-60.
- CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p. 169-191.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ISER, Wolfgang. "O repertório do texto com o leitor". In: **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 101-157.
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. "Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola". In: ZILBERMAN, Regina; Rösing (Org.). **Escola e Leitura: Velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.
- _____. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 17, núm. 1, 2004, p. 47-62. Universidade do Minho, Portugal.
- SOARES, Magda. "A escolarização da literatura infantil e juvenil." In: MARRIS, Aracy Alves (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007, p. 17-48.